

APENAS VISLUMBRES

Alice Gray

Laurel sabia que estava morrendo, Durante algumas semanas conversamos frequentemente sobre o céu - como ele era e como seria morar lá. Quase sempre terminávamos a conversa chorando e trocando meigos abraços de esperança.

A parte mais difícil era imaginar algo que nunca víamos, algo sobre aquilo de que sabíamos muito pouco.

Foi, então, que me lembrei desta história:

Uma jovem de cabelos loiros e olhos azuis nasceu cega. Quando tinha 12 anos, os médicos realizaram um novo tipo de cirurgia em seus olhos que, se fosse bem-sucedida, lhe daria a possibilidade de enxergar. O resultado só seria conhecido alguns dias após a cirurgia.

Depois que as ataduras foram retiradas, os olhos daquela jovem precisaram ficar protegidos da luz. Ela aguardou o resultado no escuro.

A mãe passou longas horas respondendo às perguntas da filha sobre como eram tais e tais coisas e o que ela enxergaria. Ambas estavam tão empolgadas diante das possibilidades de êxito que quase não conseguiam dormir. O tempo todo, mesmo no escuro, elas conversavam sobre coisas bonitas - cores, formatos, beleza de todos os tipos.

Finalmente, chegou o momento em que os olhos da moça já tinham condição de suportar a luz que vinha de fora. Ela se sentou perto da janela por um longo tempo sem dizer nada. Lá fora, o dia de primavera era ideal - brilhante e cálido, com nuvens brancas e fofas decorando o céu azul. As flores que a brisa leve derrubava das cerejeiras cobriam o chão, dando a ideia de uma camada de neve cor-de-rosa. Açafrões amarelos enfeitavam orgulhosamente as laterais do caminho de tijolos que serpenteava no meio do gramado.

Quando a moça olhou para a mãe, lágrimas corriam por seu rosto.

- Oh, mamãe. Por que você não me disse que era tão lindo assim?

Contei esta história a minha amiga, com os olhos lacrimejantes. - Laurel, neste instante estamos sentadas no escuro, mas daqui a pouco você estará fazendo esta mesma pergunta a Deus.